



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 17/10/2025 e 23/10/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSILON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
17/10/2025	10,19	281,00	51,13	5,03	4,22
20/10/2025	10,31	285,00	51,31	5,04	4,23
21/10/2025	10,30	286,30	50,65	5,00	4,19
22/10/2025	10,34	290,00	50,07	5,03	4,23
23/10/2025	10,44	292,30	50,87	5,13	4,28
Média	10,32	286,92	50,81	5,05	4,23

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	SC	
RS – Não Me Toque	122,00	
PR – Pato Branco	124,00	
PR – M.C.Rondon	120,00	
MT – C.N.Parecis	119,00	
MS – Maracaju	125,00	
GO - Rio Verde	119,00	
BA – L.E.Magalhães	124,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	68,00	CIF
Porto de Paranaguá	67,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	60,00	
SC – Rio do Sul	SC	
PR – M.C.Rondon	52,00	
PR – Pato Branco	57,00	
MT – C.N.Parecis	47,00	
MS – Maracaju	52,00	
SP – Itapetininga	61,00	
SP – Campinas	66,00	CIF
GO – Rio Verde	55,00	
GO – Jataí	55,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	SC	
RS – Não Me Toque	60,00	
PR – Pato Branco	66,00	
PR – M.C.Rondon	64,00	

Período: 22/10/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 23/10/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	62,75	124,29	61,50

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
23/10/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	57,53
Feijão (saco 60 Kg)	129,38
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,38
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,43**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,57

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Julho/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

Ainda em ritmo de paralisação do serviço público estadunidense, as cotações da soja em Chicago subiram nesta semana. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (23) em US\$ 10,44/bushel, após US\$ 10,10 uma semana antes. A cotação deste dia 23 foi a mais elevada desde o dia 16 de setembro passado.

A colheita nos EUA avança normalmente, com produtividade recorde, porém, sem as estatísticas oficiais disponíveis no momento quanto ao percentual já colhido. Ao mesmo tempo, as exportações dos EUA continuam enfrentando problemas devido ao fechamento do mercado chinês para seu produto, mesmo que internamente o consumo da soja siga firme. Espera-se uma reunião entre os dois presidentes para estes próximos dias.

Enquanto isso, a China não importou soja dos Estados Unidos em setembro, sendo este o primeiro mês, desde novembro de 2018, que tais embarques caíram para zero. Enquanto isso, as importações da América do Sul aumentaram em relação ao ano anterior. Para comparação, no mesmo mês do ano passado os EUA exportaram 1,7 milhão de toneladas para a China.

Tal realidade, como se sabe, ocorre devido a guerra comercial imposta por Trump contra a China, fato que elevou as tarifas de importação nos dois países. Com isso, os chineses aumentaram em 29,9% as compras da soja brasileira em setembro, na comparação com setembro de 2024, chegando a 10,96 milhões de toneladas. Este volume responde por 85,2% do total das importações chinesas da oleaginosa, segundo dados da alfândega chinesa, enquanto os embarques da Argentina aumentaram 91,5%, para 1,17 milhão de toneladas, ou 9% do total. As importações de soja da China atingiram 12,87 milhões de toneladas em setembro, o segundo nível mais alto já registrado.

Como já comentado anteriormente neste espaço, “se não houver um avanço nas negociações comerciais entre EUA e China, os agricultores dos EUA poderão enfrentar bilhões em perdas, já que as esmagadoras chinesas continuarão a se abastecer na América do Sul. Pequim, no entanto, também pode enfrentar uma possível crise de abastecimento no início do próximo ano, antes que a nova safra do Brasil chegue ao mercado. Uma lacuna no fornecimento de soja pode surgir na China entre fevereiro e abril do próximo ano se não houver um acordo comercial. O Brasil já embarcou um volume enorme, e ninguém sabe quanto estoque de safras antigas ainda resta” (cf. AgRadar Consulting).

No período de janeiro a setembro, a China importou 63,7 milhões de toneladas do Brasil, um aumento de 2,4% e 2,9 milhões de toneladas da Argentina, um aumento de 31,8%, nos dois casos em relação ao ano anterior. Embora os compradores chineses estejam evitando a safra estadunidense deste ano, as compras realizadas no início de 2025 (antes do início da guerra comercial), junto ao mercado estadunidense, sobem a 16,8 milhões de toneladas, ou 15,5% acima de igual período de 2024.

E aqui no Brasil, com os prêmios subindo e Chicago melhorando, a valorização do Real não evitou uma pequena melhoria nos preços da oleaginosa. A média gaúcha ficou em

R\$ 124,29/saco, enquanto as principais praças registraram R\$ 122,00. No restante do país os preços oscilaram entre R\$ 119,00 e R\$ 125,00/saco.

Por sua vez, o plantio da nova safra 2025/26 chegou a 24% no início da presente semana, contra 16,2% na média histórica para a data (cf. Pátria AgroNegócio e AgRural).

Especificamente no Mato Grosso do Sul a semeadura atingiu a 30,9% da área esperada. Para esta safra, espera-se um aumento de 5,9% na área cultivada, totalizando 4,79 milhões de hectares. A produtividade média prevista é de 52,8 sacos por hectare, com produção estimada em 15,2 milhões de toneladas (cf. Aprosoja-MS).

E no Brasil, a produção total esperada na próxima safra é de 178 a 180 milhões de toneladas, contra 171,8 milhões colhidas na última safra, conforme números revisados pela Abiove.

Segundo ainda a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), diante da colheita projetada, a exportação total do Brasil, em soja, poderá chegar a 111 milhões de toneladas em 2026, se elevando 1,4% sobre o volume de 2025. Já o esmagamento de soja deverá atingir a 60,5 milhões de toneladas, avançando 3,4% sobre 2025. Assim, os estoques finais de soja brasileira em 2026 aumentariam 75% na comparação anual, para 10,5 milhões de toneladas. A exportação de farelo de soja brasileiro, no próximo ano, chegaria a 24,6 milhões de toneladas, alta anual de 4,2%. Já o volume fabricado desse produto no país cresceria 3,3%, para 46,6 milhões de toneladas. Ao mesmo tempo, a produção de óleo de soja, impulsionada pela fabricação de biodiesel, foi estimada em 12,2 milhões de toneladas em 2026, com avanço de 3,8% sobre 2025, enquanto o consumo interno aumentaria 4,8%, para 11 milhões de toneladas. Enfim, a exportação de óleo de soja cairia mais de 25% no ano que vem, para cerca de 1 milhão de toneladas.

MERCADO DO MILHO

O primeiro mês cotado, em Chicago, subiu um pouco durante a semana. O bushel do milho fechou a quinta-feira (23) em US\$ 4,28, contra US\$ 4,21 uma semana antes.

Neste contexto, encontra-se o avanço da colheita de milho nos EUA e uma redução no preço do óleo, apesar de o petróleo ter reagido fortemente neste dia 23/10 no mercado global. Por outro lado, ainda sem informações definitivas devido a paralisação do serviço público estadunidense, tem-se que existem informações de produtividade abaixo do esperado nas lavouras do cereal estadunidense. Dito isso, as cotações oscilam dentro de um patamar baixo há praticamente um mês em Chicago.

E no Brasil, os preços se mantiveram relativamente estáveis. As principais praças gaúchas continuam trabalhando com R\$ 60,00/saco, enquanto a média gaúcha ficou em R\$ 62,75/saco durante a semana. Nas demais praças nacionais os preços médios giraram entre R\$ 47,00 e R\$ 61,00/saco.

Estes preços não baixam mais porque existe recuo dos produtores em vender seu produto. A pequena desvalorização do Real, nesta última semana, auxiliou a melhorar

um pouco as exportações, porém, as mesmas continuam insuficientes para dar conta da produção realizada na última safra. E para 2025/26, segundo a Conab, se espera um total de 138,6 milhões de toneladas a serem produzidas, com recuo de 1,8% sobre o ano anterior.

Para 2025/26, segundo ainda o órgão público, a área total semeada com milho no Brasil (três safras) deverá alcançar 22,7 milhões de hectares, crescendo 4,1% sobre o ano anterior. Já a produtividade média esperada é de 6.109 quilos/hectare, perdendo 5,4% sobre 2024/25. Diante disso, a produção total brasileira ficaria então em 138,6 milhões de toneladas, contra 141,1 milhões no ano anterior. No Rio Grande do Sul a área será de 817.100 hectares, crescendo 14,2% sobre 2024/25. Diante de uma produtividade esperada em 6.641 quilos/hectare (-12,5% sobre o ano anterior), a produção final gaúcha é estimada em 5,4 milhões de toneladas, repetindo a performance do ano anterior. A primeira safra nacional deverá resultar em 25,6 milhões de toneladas, a segunda safra 110,5 milhões e a terceira safra, produzida no Norte e Nordeste brasileiros, 2,5 milhões de toneladas.

Por outro lado, o plantio da safra de verão estava em 33,2% da área no dia 18/10, contra 34,4% na média dos últimos cinco anos. O Paraná estava com 90%, seguido por Rio Grande do Sul (85%), Santa Catarina (78%), Minas Gerais (3,3%) e São Paulo (3%).

E no Mato Grosso, segundo o Imea, os custos com os insumos do milho, para a nova safra, subiram 2,8%, com a média atingindo a R\$ 2.922,01/hectare. Assim, naquele Estado, o produtor de milho, para comprar uma tonelada de ureia e uma de MAP, precisa entregar, respectivamente, 76,7 e 102,8 sacos de milho.

Já as exportações brasileiras de milho, segundo a Secex, nos primeiros 13 dias úteis de outubro atingiram a 3,57 milhões de toneladas, o que significa um recuo de 5,6% na média diária na comparação com outubro do ano passado.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês cotado em Chicago, se manteve ao redor de US\$ 5,00/bushel em boa parte da semana, situação que durava desde o final de setembro. O fechamento desta quinta-feira (23), porém, registrou uma elevação um pouco mais consistente, com o bushel chegando a US\$ 5,13, contra US\$ 5,02 uma semana antes.

Com a paralisação do serviço público estadunidense não há praticamente informações adequadas na área internacional.

Já aqui no Brasil, os preços voltaram a recuar, com as principais praças gaúchas trabalhando com R\$ 60,00/saco e o Paraná entre R\$ 64,00 e R\$ 66,00.

A principal notícia é que o clima vem provocando prejuízos nas lavouras do Paraná, estado que já havia colhido 77% de sua área até o início da presente semana. Enquanto isso, o Rio Grande do Sul alcançava uma colheita ao redor de 3%.

Em tal contexto, a Conab estima que a produção total brasileira possa ser um pouco melhor do que as 7,5 milhões de toneladas que a iniciativa privada vem indicando há algumas semanas. O órgão público avança, agora, uma produção final de 7,67 milhões de toneladas, sendo 3,7 milhões no Rio Grande do Sul, 2,5 milhões no Paraná, 429.700 toneladas em Minas Gerais, 392.300 toneladas em Santa Catarina e 354.900 toneladas em São Paulo.

É bom destacar que a iniciativa privada espera uma colheita um pouco diferente, com 3,3 milhões de toneladas no Rio Grande do Sul e 400.000 toneladas em São Paulo. Os estoques finais nacionais ficariam em 528.800 toneladas (cf. StoneX).

A Conab ainda estabelece que a produtividade média possa crescer 21,8% sobre o ano anterior, chegando a 3.142 quilos/hectare, enquanto a área total semeada no país recuou 19,9%, para 2,45 milhões de hectares.

Enfim, para informação, o Brasil é o maior mercado global de padarias independentes em número de estabelecimentos, com 70.235 unidades ativas e um faturamento anual de US\$ 5,12 bilhões. Em 2024, esse segmento respondeu por aproximadamente 2,4 bilhões de compras, o que representa 10% do total do serviço de alimentação no país. O setor representa 6,4% do PIB de bares e restaurantes e emprega milhões de pessoas de forma direta e indireta.